

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

PARIS

LIBRERIA, 6, rue Saint-Petersbourg
Abonnement
ANNUEL : 12 francos
Souscription : 12 francos
Avisos : 1 franc
Se ésta de duas semanas para cada número.

1º Anno. — Volume 1. — Número 12.

PARIS 20 D'OUTUBRO DE 1884

Director : MARIANO PINA

RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, 26, R. do Ouvidor.
Abonnement
ANNUEL : 12 francos
SUDESTE : 6 francos
ANNE PROVINCES : 14 francos
AVULSO : 50 cent.



ALEXANDRE DUMAS FILHO

(Um dos autores dos «Danicheff» actualmente em cena na Porto-Saint-Martin de Paris.)

SUMMARIO

TEXTO: *Cinquenta*, por Muriano Pinto. — *De viagem* (poesia) por Filinto d'Almeida. — *As nossas gravuras*: Alexandre Dumás filho, Jules de Goncourt; Ensaio sobre a direção dos balões; a estatua do marquez de São da Bandeira; *Dos meus bocadinhos*; *China contemporânea*. — *Nunca album* (poesia) por Luiz Murat. — Alexandre Dumás filho, por A. G. — *Flôres de piano*, por Valentim Magalhães. — *Passeatemo*.

GRAVURAS: Alexandre Dumás filho. — Jules de Goncourt. — Ensaio sobre a direção dos balões. — A estatua do marquez de São da Bandeira, desenho original de A. Ramalho. — *Dos meus bocadinhos*; quadro de Geoffroy. — *Itália*: O choletá em Nápoles. — A China contemporânea: Uma casa d'expostos em Cantão.

CHRONICA

RECEBI ultimamente do Brazil um romance realista — *A casa de pensão* — do sr. Aluizio d'Azevedo.

Logo às primeiras páginas^o livro interessou-me e li-o tutto apuré. E li-o com verdadeiro interesse, pois que desejava avaliar dos progressos que o romancista tinha feito depois do seu livro, *O Mulato*, que eu folheava várias vezes com curiosidade em casa do grande artista Raphael Bordallo Pinheiro. E também por que o romance foi recebido com calorosos aplausos por toda imprensa brasileira. Ainda tenho bem presente os artigos publicados na *Gazeta de Notícias* por Valentim Magalhães, anunciando o livro como uma manifestação literaria equivalendo no Brazil ao *Primo Basílio* em Portugal.

v.v. Na realidade o sr. Aluizio d'Azevedo está *senhor do processo*, como dizem certos críticos, e — devo dizer? — é isto sinceramente que eu lamento.

Estar *senhor do processo* quer dizer:

Que faz romances da moda;
Que desenha personagens da moda;
Que escreve no estilo da moda.

Ora o sr. Aluizio d'Azevedo não precisa quanto a mim, deixar-se arrastar pela moda — por que tem deveras talento. A moda fez-se para os outros, para os que nada tem no ventre — como se diz em Paris — para os que não sabendo escrever uma pagina original e sincera esperam que alguém produza alguma cousa, para elles depois a imitarem.

Mas quando se escrevem páginas vigorosamente se encontram diversos na *Casa de Ponto*, o artista deve pensar em destinar-se um pouco mais da maioria.

v.v. Antes de prosseguir:

Se hoje novamente me ocupo na minha chronica de *pura* critica litteraria é por que entendo que é chegado o momento de cada qual dizer a sua opinião franca e sincera acerca de tudo que se publica. Assim como em França, em Portugal e no Brazil uma geração intera quer impor uma reforma litteraria e os livros e os jornais andam cheios de realismo e de *naturalismo*. Há já publicadas algumas obras boas. Mas quantas obras mediocres também! E notase, mesmo no lado dos homens de talento, uma tendência para a manufatura e não para a arte. Certos livros lembram-me estes pinhões de rua que obedecem a uma ma-

nivela e que tociam sempre a mesma walsa.

E necessário, pois, que todos nós tratemos de descobrir onde está a manivela, e de a partilhar, para não chegarmos ao perigoso resultado de vermos vinte autores todos ellos dizendo e escrevendo a mesma cousa.

v.v. Ha dias encontrei numa carta que George Sand escrevera a Gustave Flaubert uma frase tão finamente sentida e tão prodigiosamente observada, que me parece definir como maxima exactidão uma certa tendencia litteraria dos autores modernos. Escravio Sand a Flaubert quando este lhe anunciatava que ia fazer um novo romance:

« Vais recomeçar na tua tarefa? Eu tambem: e que iremos nós fazer? Tu, com certeza, vais fazer desolação e eu consolação. Tu, tornas mais tristes os que te leem. E eu queria tornalos menos infelizes! »

Está n'estas palavras toda a critica de modernos autores. Não fazem litteratura realista — fazem litteratura desoladora!

E de caso pensado.

Parece-me que se descobre a manivela...

v.v. Tratemos serenamente o assumpto que me parece merecer a maior consideração.

Que resulta para o publico da leitura de *Madame Bovary*? Uma desconsolação enorme da vida, onde tudo é tão banal, tão melancólico, tão insípido, tão chato! — o casamento, o adulterio, a religião, os homens e as cousas. Tudo bocaja em torno d'esta pobrada Bovary. Uma natureza mais nervosa e mais intelligente tanta saído da vida pelo cano d'um revolver, pela torre d'uma egreja ou pela profundidade d'um rio...

Mas a vida é toda assim, por todos os lados que a encaramos! Certamente que não.

Simplesmente, Flaubert era um espirito profundamente melancólico. A sua natureza d'artista incomprendido pela multidão fazia-o ver na sociedade uma banalidade medonha que ele queria a toda a força esmagar e estrangular. Enterrado no seu lar voluntário de Rouen sofría em silêncio — o que é sofrer cem vezes mais — o indiferentismo do publico pela sua obra que ele não via aclamada como de justiça o devia ser. Daí, esta desolação de que fala George Sand, este desalento e este scepticismo docente que transparecem em quasi todas as suas obras — que nem por isso deixam de ser verdadeiras obras-primas.

Principalmente a *Educação sentimental* e *Bouvard et Cie* são d'uma tal tristeza, pintam-nos a vida tão arida e tão desconsoladora — que chegam a provocar o suicidio.

Advinhase naquellas páginas a tristeza e a melancolia que assombraram os últimos annos d'este sublime artista. E quando se está triste e se está melancólico, não ha alegria que não seja incommoda, não ha prazer alheio que nos não irrite...

v.v. Fallemos d'um outro autor que todos nos lemos e todos nós conhecemos, autor que hoje continua brilhantemente a obra de Flaubert. Fallemos de Eça de Queiroz.

Não foi uma premeditação litteraria que o levou a seguir o romance, o espírito de Flaubert. Não foi de caso pensado, para fazer calculadamente um género, que elle

se collocou do lado do auctor da *Madame Bovary*, em vez de acompanhar Zola. Foi uma questão de organização, uma semelhança de caracteres, uma quasi igualdade de ponto de vista. Zola não o captivou tanto. Era mais operario e menos artista. Tinha a força herculea e a tenacidade bruta d'um mico, mas faltava-lhe a sensibilidade que é tudo em Flaubert e que foi o attractivo de Eça de Queiroz. Flaubert era verdadeiramente de seu *feito*. Daí resultou o *Primo Basílio* ou *Os Maias*.

Querem agora a explicação d'um certo desencontro e d'uma certa melancolia e também d'uma certa ironia azeda que às vezes transparece nas páginas maravilhosas do *Primo Basílio*?

Imaginem Eça de Queiroz nas mesmas circunstancias em que se achava Flaubert. Eça de Queiroz não sofria da indiferença do publico como sofría Flaubert, por que raros escritores ha que mais queridos sejam da multidão como este é — e por todos os motivos. Mas sofria do isolamento. Em vez do exilio voluntário de Rouen, sob o céu tranquillo e doce da Normandia — a existencia passava só, absolutamente só, n'uma terra inglesa, no meio d'uma sociedade indiferente por que não era sua, cujos hábitos de quando em quando o irritavam, sem nunca faltar a sua língua, sem uma cara amiga e patrícia com quem ria, tendo sómente de pensar em si, de cuidar de si, de nada poder confiar que não seja a gente mercenária, a gente que lhe aluga estima e dedicação e carinho a tanto preço, que lhe sorri quando ele lhe paga melhor, que o odeia quando ele quiser ser económico — todo o horror d'um homem que tem por força de viver sózinho n'uma sociedade que o ignora, que nada sente por ele... Transformam-se por ultimo em inimigos irreconciliáveis!

v.v. Eça de Queiroz acabava um dia uma carta do seguinte modo:

« Que a minha desculpa seja que lhe escrevo esta carta, num sábado: se v. já viveu em Inglaterra, na província, na cidade industrial típica, sabe o que é o sábado: uma imensa multidão brutal, rude, barlhenta, onde estas largas ruas, cruelmente alumíneas dos renques fulgurantes do gaz nas vitrines das lojas; os bars, os palácios do alcohol, abrem-se; os cabs rotam, entre as estações, com uma bulha estendida; bebados cambaleiam e boxam-se; um pregador da rád. tomado d'um ataque religioso, viva a tua esquina versículos da Bíblia; dos salões de musica saem ganidos de flautins e o estrondo de taças de xitas batendo uma polka animal; uma prostituição insolente impõe-se, reclama salário e gafões esqueleitados, agitando os jornais, gritam com furor: as traições da Russia; dois enormes policias arrastam uma velha que blasfema, bebedeira; pares amorosos passam enlaçados, beijocando-se, sem pudor; magotes de milheiros de cachimbo na boca, seguidos de galos, falam a aspera linguagem de Northumberland; os silvos dos comboyos contam o ar espesso; uma nevoa humida, amaciada, fétida, gelada, impõe ao alcohol; e pelas praças, pelos becos, nos pianos dos restaurantes, patriotas exaltados de bebidas, cantam a nova canção guerra We don't want to fight, but by Jingo we do!..., affirmando ainda n'um berreiro: « Que os Russos não irão, não, a Constantinopla! »

« Num dia — como esse — um Português só pode aspirar a uma aldeia do Minho ou à paz d'um convento. »

« Comprehendem agora, depois do que deixo transcripto, o estudo despirito d'um artista? Comprehendem agora a afinidade de sensações, de critica, que ligam Flaubert a Eça de Queiroz? Comprehendem agora as causas d'esta desolação de que falla a Sand e que tanto se encontra nas páginas do *Primo Barão*? D'esta tendência para a escolha de tipos banais que o artista se apraz em torturar com a sua temível analyse, cravando-lhes nas carnes os bicos da sua pena irritada, como que consolando-se de mostrar ao público miserias, insignificâncias, ridiculos e buxeiras que possuem?... »

« Mas d'aqui a ser a desolação o fim principal d'uma literatura interior, ha uma grande distância. E o sr. Aluizio d'Azevedo no seu novo romance e outros modernos escriptores parece-me que andam irreflectidamente tomando como base dos seus romances a desolação naturalista de *Madame Bovary*, do *Assomoir* e do *Primo Barão*, sem terem estudado primeiro quaes as causes que influem na produção d'esses livros.

O realismo deixou de ser realismo se os românticos modernos começam a ver tudo pelo mau lado; a ver tudo triste, banal, mediocre, egoista, imbecil, immoral e imundo. Não me repliquem que a sociedade é isto mesmo. Isto é simplesmente um pessimismo lido da sociedade...»

O que há-de confessar é que é muito mais fácil trabalhar sobre um assumpto escabroso e equivoco, que é muito mais fácil desenhar um tipo grotesco — do que pegar num assumpto tranquillo e feliz, na vida serena e casta d'um ménage modélo, e fazer um romance que valha uma página de Michelet, um romance cuja leitura nos faça bem, simples, honesto, verdadeiro, que nos inspire, em vez de desconsolação da vida, o desejo de viver, para saber em que a que é que se chama verdadeiramente viver!

Também não quer que de caso pensado se veja a sociedade através da mesma vêo cõr de rosa por onde Heine viu a revolução francesa. O que se deseja e o que se pede é que os românticos novos que só fallam em temperamento ponham de lado os temperamentos de convenção e deixem por uma vez fullar os seus. Que os alegres escrevam alegremente. Que os delicados e finos e aristocraticos escrevam com a elegância e a suprema distinção de Droz ou dos Goncourt. Que os aborrecedos escrevam todas as melancolias que encontram pelos cantos. Que os tristes chorem à vontade sobre 500 páginas d'um romance que o público também os ha-de ler — se elles tiverem chorado como realmente se chorar!

E isto que falta, e é isto que se deseja!...

« E acabem com a desolação que é hoje a verdadeira e irritante manivela de todos os romances — esta desolação postica, escondida de caso pensado, este desejo de ver triste e ver desconsolado, esta tendência para descrever e analysear todas as cousas que causam tédio e que nos desconsolam profundamente, para dar ao romântico uns ares fatigados de philosopho aborrecido.

Isto é que é necessário combater, é contra esta corrente que nós nos devemos in-

surgir. O sr. Aluizio d'Azevedo pode-me replicar que o seu temperamento só o obriga a para a analyse das cousas desconsoladoras. Admito. Que o seu espírito d'artista só o leva para a observação das caracuturas inferiores como o do estudante, para a análise das sociedades e das mesmas poções, como o da *Casa de penas*. Também admito. Mas o successo do seu livro suscita-me alguma recólio acerca dos novos românticos que foram surgindo. E o que aconselho aos modernos realistas brasileiros e aos modernos realistas portugueses é que abundem a desolação que parece estar na moda, não só em Portugal e Brasil, mas também e principalmente em França — e que nos deem livros sãos e honestos, sem personagens doentes, imbecis e ridiculos, sem descripções que precisariam muitas vezes ser regadas a choro.

D'assumptos patológicos estamos nós fartos. Basta Zola!

O público começa-se a aborrecer com esta literatura de amphitheatre d'hospital que ha dez annos se quer impor como a grande expressão litteraria do século XIX. Não; não é tal! O que nos falta, de que nós estamos precisados é d'uma nova literatura que em vez de nos desanistar n'esta luta da vida em que andamos empêhados nos de verdadeiramente coragem; d'uma nova literatura onde se aprenda alguma cousa útil e onde se leia alguma cousa agradável; d'uma nova literatura onde os homens, as mulheres e as crianças aprendam o que é o bem, o que é a honra, o que é o dever e o que é o amor!

O que nós precisamos em língua portuguesa é d'um Michelot que seja o companheiro fiel e honesto dos nossos serões d'inverno, o amigo inseparável de nossas mulheres e de nossos filhos!...

« E quanto ao sr. Aluizio d'Azevedo felicito-o mais pelo seu talento do que pelo seu livro. Por que eu não sei onde ha-de chegar a literatura d'um paiz se todos os escriptores se lembram de buscar eternamente o seu assumpto nas infâncias da sua sociedade. Como critico, a leitura da *Casa de penas* desperta-me curiosidade, o desejo de seguir as peripécias d'um talento que imagina ser do seu tempo desenhando apena-s semelhantes personagens. Como simples leitor a obra desconsola-me, entristece-me, deixa-me de mau humor. Que prazer possô eu sentir em viver espiritualmente durante uma ou duas noites com uma sociedade que se eu encontrasse em carne e ossos na minha *vinhoteca* faria uma denuncia à polícia para lhe vigiar a porta a todas as horas?... »

O que me consola é a ideia de que este pessimismo juvenil, este desejo de fazer d'um livro uma meza d'autopsia ha-de passar com o tempo. Ainda há poucos annos se queria defendêr o mau lado de Zola, dizendo os discípulos que tornavam moderno ou havia de ser scientifico ou deixaria de existir. A defesa não teve curso. Nem os alunos de medeoma faram apprender physiologia no *Assomoir*, nem o público foi ler romance nos livros dos professores da Escola médica de Paris. O romance e literatura, e não é outra cousa. A sciencia aqui de nada serve. Quando o personagem é bem estudado, como o personagem de Shakespeare e de Balzac, o personagem ha-de ser profundamente scientifico — porque é pro-

fundamente humano! Se Lille é difícil dizer — ou o medeoma se enganou ou minimiza. Se Jodernos do lado da opinião ou traíra, da tal opinião scientifica, «legawin», o absurdo resultado de «terem» os médicos os melhores lombalgas e os pmmiatiros os melhores escriptores d'um paiz!... »

Deveremos correr o tempo. O clássico-moderno estímase libertando de todas as extravagâncias d'ancião, e move-se longe os bons e saudáveis assumplos.

Zola escreveu o *Mauvais des familles*, escrever os românticos sobre o trabalho, a ambição, para d'ajui a alguma aliança, os seus contos para as crianças. Goncourt escreviam a *Chambre*, *Jumila* escrevia o *Mauvais en férias*, onde occupava da crianças envolto a parte mais eminente do seu Império. Gustavo Drox escrevia *Tristes* e sonhava. E Eça de Queiroz depois de escrever a história da sua mocidade — «Onde nos eramos nopus? — escrevia a serie de contos em que elle pensa ha muito, e onde ella ha-de ser encantadora, honesta e simples, e meus chimento», que Júlio Dinis.

Vamos ter no final do século uma literatura não para literatos — mas para o público. É isto que nos falta hoje, e isto que ha-de ser a grande gloria da nossa gente — se a nossa gente pôs pensar nisto a tempo.

Repto:

O que nós precisamos em língua portuguesa é d'um Michelot que seja o companheiro fiel e honesto dos nossos serões d'inverno, o amigo inseparável de nossas mulheres e de nossos filhos!...

MARQUES PINHEIRO

DE VIAGEM

NA RÚSSIA

Piso do inverno. Atroz! Triste paisagem Russa!
Da nevada cruel a vergastada fina
Zime, aguçando em claus a face cristallina
Do gelo. E tu, que vales na capa de pellucida
Emolha e agarrahada, si manda pobre Lucia,
Deixa sómente a meio a face alabastrina
Apparecer. O azul fecha a immensa cortina
Ao lar. Unicamente a intrapôdez e a astucia

Conseguiu que o treto vença a estrada sombria,
Os tres cavallos são de estranha valentia;
Aflito voad sobre os caminhos gelados.

Uma fita de prata ao longe ondeia — e o Neva.
E, seguindo o trem, brilha na espessa treva
O flammeante olhar dos lobos esfaimados!

FERNANDO ALMADA

OS NOSSOS COLABORADORES

*U*ma pena dizer a *Ilustração* se aug-
mentar o numero dos meus colabo-
radores, grupo que se vai cada vez
mais numeroso, mas que, infelizmente,
não menos cínicas. No entanto, a
sua estrada é sempre a mesma: de nosso
formo. « Sr. Gonçalves Ferreira, com um
sobrenome como que o revela imediatamente
escritor de primeira ordem. No entanto, onde
fui publicado o exímio ensaio de *Rousseau*,

de Seguier; appareceram trez dos nomes mais sympatheticos do Brazil : — LUIZ DELFINO, MACHADO D'ASSIS e VALENTIM DE MAGALHÃES.

Hoje temos o prazer de anunciar aos nossos leitores a colaboração d'um illustre escritor, antigo companheiro d'Anthero do Quental, d'Eça de Queiroz, d'Oliveira Martins e de Ramalho Orligão, que vai publicar na nossa revista uma serie d'artigos sob este titulo ASPECTOS ESCOCÉS. O nome do auctor não o podemos revelar por enquanto visto ser seu desejo escrever com um pseudonymo. Mas a originalidade da critica e a elegancia da linguagem hão-de facilmente trahir esta physionomia tão sympathica no mundo das letras e das sciencias.

Acabamos de receber, para ser publicado no n.º 13, um curioso artigo de FIALHO D'ALMEIDA, um estudo sobre um chronista celebre falecido há tres annos e onde FIALHO D'ALMEIDA analysa aspectos

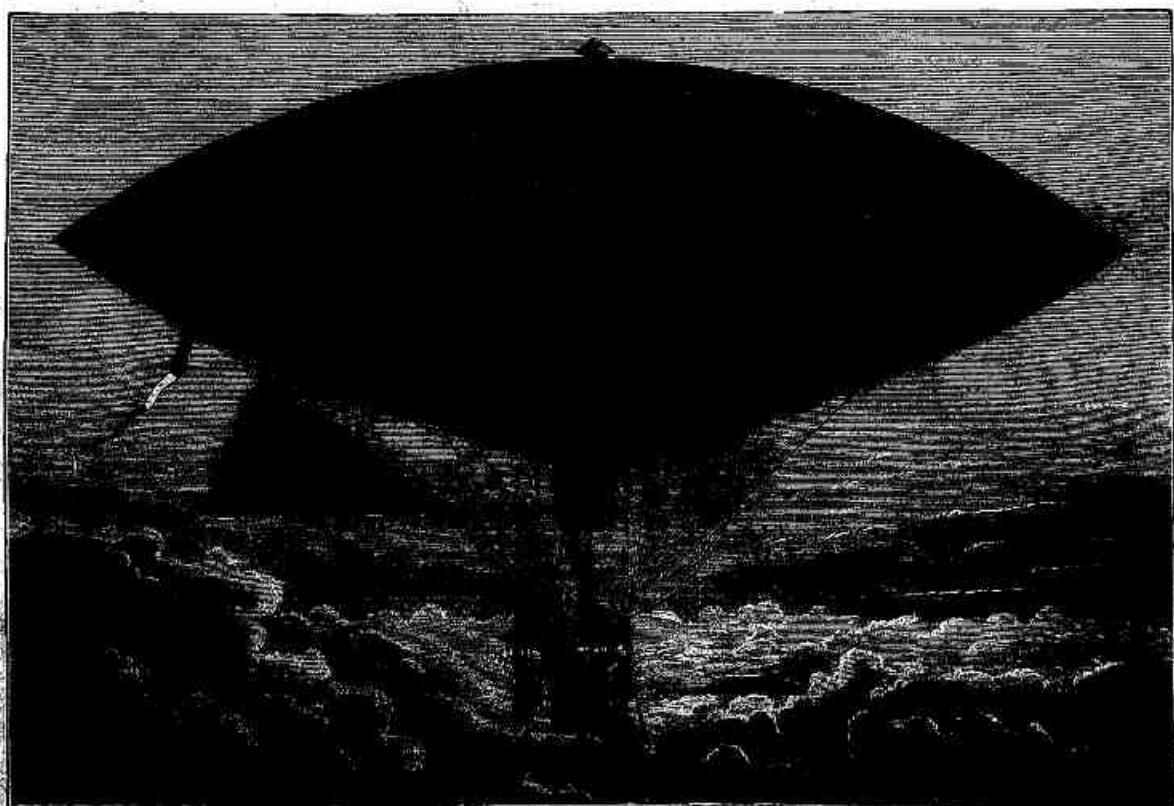
da vida litteraria de Lisboa. E na carta que o nosso collaborador nos escreve de Villa de Frades vem indicada a boa promessa, apenas chegue à capital, de ser um assiduo collaborador da ILLUSTRAÇÃO.

Parece-nos que podemos dizer afiamente que nenhum jornal ilustrado portuguez tem apresentado uma collaboração que possa competir com a nossa. E quanto à parte artistica temos apresentado trabalhos d'artistas de Portugal e do Brazil — de RAPHAEL BOBDALLÓ, de RAMALHO, de VILAÇA, de AMOÉDO e doutros, trabalhos que tem sido executados em Paris d'un modo inteiramente novo e por processos desconhecidos do nosso publico.

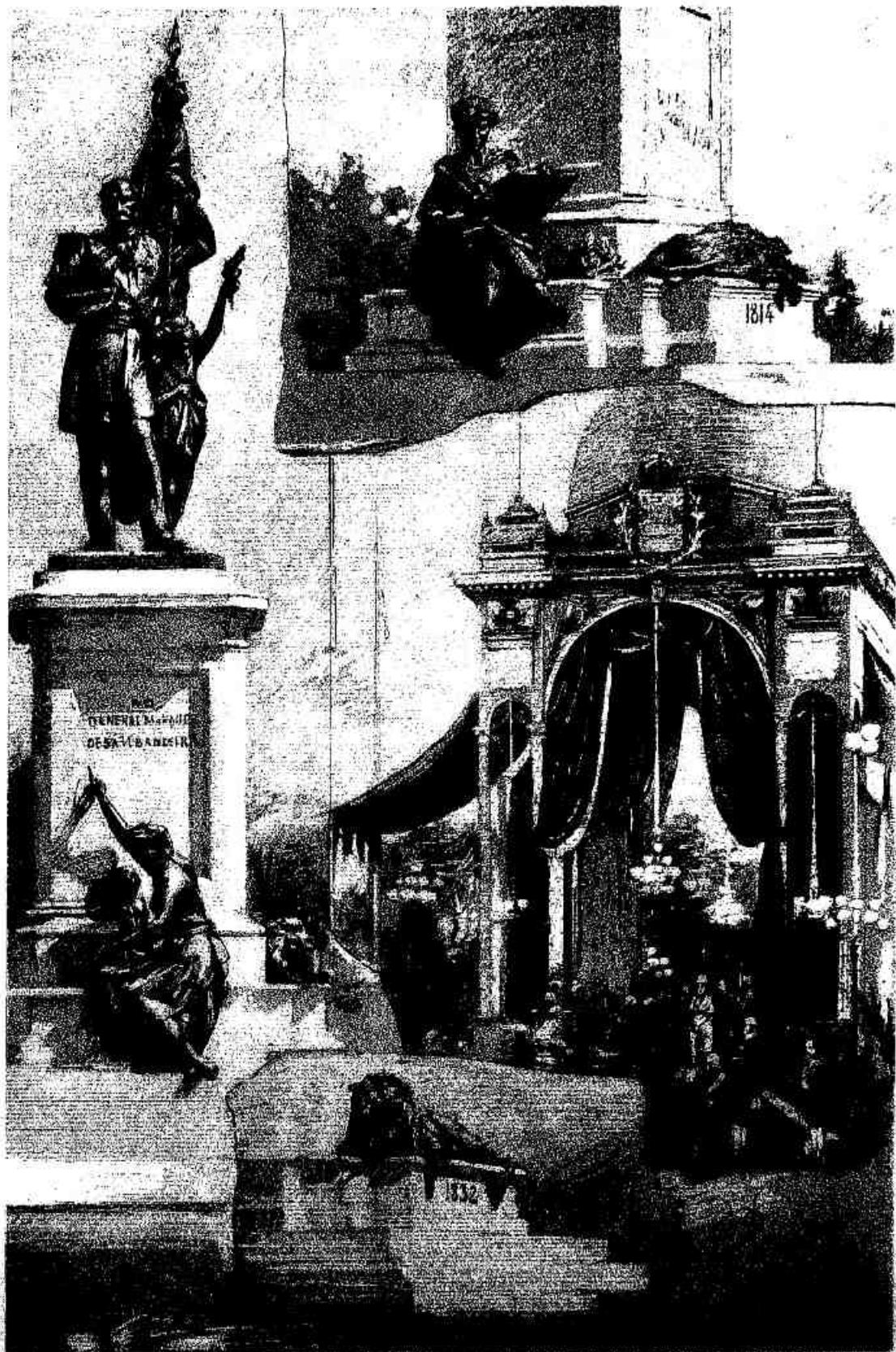
A ILLUSTRAÇÃO ensaiá n'este momento n'uma das primeiras officinas de Paris novos processos de cromotypographia, e espera proporcionar ao seu publico a aquisição de verdadeiras obras d'arte da mais delicada escrupulosa execução como nenhum journal ainda apresentou nem em Portugal, nem no Brasil.



JULES DE GONCOURT



ENSAIO SOBRE A DIRECCÃO DOS BALÕES. — O laçao dos irmãos Tissandier



A ESTATUA DO MARQUEZ DE SAquarema.

(Desenho original de Antonio Ribeiro.)

AS NOSSAS GRAVURAS

ALEXANDRE DUMAS FILHO

NOUTRA parte do jornal encontraria os nossos leitores um artigo sobre este notável dramaturgo francês, devido à pena do nosso colaborador o sr. A. G. que desejou guardar o incognito.

JULES DE GONCOURT

No n.º 2, a propósito da publicação de *Edmond de Goncourt*, um dos mais notáveis romancistas da França contemporânea, e prometemos para breve o retrato do seu antigo colaborador, de seu irmão, falecido há anos, e que assinou com Edmond tanto obra prima d'estilo e espírito eminentemente francês.

Chegou hoje o momento de publicar o retrato desse que é uma das glórias literárias de Paris no século XIX. Um editor de Bruxelas acaba de fazer uma edição completa e definitiva do primeiro livro dos dois ilustres romancistas e que tem por título: *Em 18...*. Este livro de que se venderam raríssimos exemplares acaba de despertar grande curiosidade no mundo parisiense. E o mesmo estilo phantasmagórico e tortuoso da *Fille d'Elise* e a mesma graca nervosa e teatral dos diálogos scintillantes de *Charles Demilly*.

Jules de Goncourt e Edmond de Goncourt são dois dos mais extraordinários reformadores da literatura contemporânea. *A ILLUSTRAÇÃO* orgulha-se de ter sido o primeiro jornal português que revelou ao público as physionomias destes dois homens eminentes.

ENSAIOS SOBRE A DIREÇÃO DOS BALÓES

A primeira ideia da applicação da eletricidade à navegação aérea pertenceu ao Sr. Gastão Tissandier, que expôs o seu primitivo ensaio na exposição de electricidade que se realizou em 1881 em Paris. Pelo seu lado os experimenteros por outros aeronautas tiveram sido numerosíssimos e todas tendentes a descobrir a direção dos balões. V.

Ho pouco tempo fizeram-se em Paris importantes ensaios sendo imensamente apregeados por toda a imprensa europeia os nomes dos carabiniers Renard e Krebs como tendo descoberto a direção dos aerostatos. A primeira experiência foi feliz, mas a segunda foi desastrosa.

Dias depois via-se pairar sobre Paris o eletrônico balão que hoje reproduzimos, em gravura. O balão tomava todas as direções, ora seguindo de norte para sul, ora de poente para Ocidente. O balão obedecia fatalmente a todos os comandos e resistia às correntes atmosféricas. Engraçado! Estava enigmáticamente resolvido o problema... Viva Renard! Viva Krebs!

Havia simplesmente um engano da parte do público. Não eram os carabiniers Renard e Krebs que dirigiam o balão que se via acima de Paris. Era o irmão Tissandier, os ilustres aeronautas, que em 1881 na Exposição de electricidade tinham exposto o primeiro balão eletrônico. □

Para que o problema seja inteiramente resolvido para que os homens do século XIX possam atravessar o ar com a mesma segurança com que se atravessa o Oceano — bastam simplesmente capitães. É necessário que um governo inteligente comprehendê as grandes vantagens que podem advir da navegação aérea e não hesite diante de qualquer sombra, nem deixa de prestar auxílio a todo aquele que desejar realizar um novo projeto. As bases estão lançadas, a questão está em muito pouco.

Quanto ao balão é necessário para o seu êxito, que elle tenha uma velocidade de

superior à dos ventos d'intensidade media, 10 a 12 metros por segundo, isto é, 36 a 40 quilômetros por hora aproximadamente. Para isso é necessário construir navios aéreos de grandes dimensões. Basta lembrar que as superfícies não aumentam com os volumes, e que a resistência do ar se torna relativamente mais fraca, à medida que o aerostato aumenta de volume. E, como dissemos acima, uma simples questão de capitães. Não ha nenhuma impossibilidade material de construir navios aéreos que tenham 25, 50 e mesmo 100,000 metros cúbicos. Alinda havemos de ver estes grandes aerostatos navegar na atmosfera, como os grandes navios a vapor através dos mares.

A nossa gravura representa o balão dos aeronautas Tissandier durante a experiência realizada há pouco no céu parisiense.

A ESTATUA DO MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA

Deixando ao lapis d'um distinto artista que habita Paris, António Ramalho, e segundo phototipias que recebemos de Lisboa da ilustrado comissão que realizou a patriótica e nobilissima ideia de erigir um monumento à memória do grande velho político — A Ilustração apresenta hoje aos seus leitores uma pagina curiosa e sympathica dando uma ideia da estatua e desenhando o pavilhão que se construiu expressamente para o acto inaugural. □

O marquez de Sá da Bandeira escusado é fallar, escusado é traçar o perfil biographic — por que todos o conhecem e todos o admiram.

O marquez de Sá pertence a esta categoria d'homens que um simples facto da sua vida tornou immortais. Praticou uma obra excepcional, deixou de ser a gloria d'uma época para ser o orgulho d'um país. No exercito português elle aboliu o castigo infantil e odioso das chibatações e aboliu também os fuzilamentos. Nas colônias portuguesas em África aboliu a escravatura. Quando um homem se serve do poder que um dia lhe vale para as mãos para proceder d'um modo tão digno e tão sublime em honra e proveito do seu país, esse homem merece todos os respeitosas aplausos. É não só digno do bronze que hoje o immortalisa, mas também do respeito e da admiração dos seus compatriotas.

A Ilustração só tem que se felicitar publicando pagina tão sympathica, reproduzindo o monumento cuja execução foi confiada a um artista italiano — e se felicitar duplamente por de novo veraparecer na nossa revista o nome d'un artista português de grande futuro que d'aqui a pouco segue para Itália continuar a sua educação artística, depois de ter passado trez annos d'estudo em Paris.

A comissão constituída em 1876 que promoveu a subscrição pública com o fim de erigir o monumento ao marquez de Sá da Bandeira era composta dos srs. duque de Palmella, presidente, Anselmo José Braumcamp, António Maria de Fontes Pereira de Melo, Bernardino António Gomes, Bispo de Viseu, José Manuel Leitão, José Ribeiro da Cunha, marquez d'Avila e de Bolaña, marquez de Fronteira e Simão José da Silveira.

A subscrição promovida entre polónia portuguesa residente no Brasil produziu 6.875.350 reis, e a subscrição em Portugal e possessões d'Africa e Indias produziu 8.716.035 reis.

O concurso para a construção do monumento foi publicado no *Diano do Governo* de Lisboa e depois d'exposição pública de todos os projectos enviados a comissão adoptou por unanimidade o projecto do escultor italiano Giovani Cimadelli, conforme se vê no desenho do nosso distinto colaborador, A. Ramalho. O pavilhão desenhado na nossa pagina é o pavilhão construído para o acto inaugural do monumento e reservado para Suas Magestades e para a grande comissão. V

Sobre todos os trabalhos da comissão desde que se constituiu em 1876 até hoje — o Sr. Henrique de Barros Gomes, secretário da comissão publicou um interessante volume que também se acha tracada uma excelente biografia do marquez de Sá da Bandeira.

DÁS UM BOCADINHO?!

sincera aceita de dar o signal. Chegou a hora do almoço.

O bento aliás dos repezes sae da escola e espalha-se pelo jardim. Cada qual abre o seu cesto. Uns, os que são pobres, traçam apenas para a merenda um bocadito de pão seco. Outros, os ricos, traçam pão e doces e frutas e o seu copinho de vinho... Ha uns que são franceses e generosos, que partilham os seus quintinhos com os mais pobres. Ha outros que são egoistas, avarentos, que quando um companheiro lhes diz, para os experimentar! Dás um bocadinho?!, todos se enfurecem, fechando sofrégamente o cabor e indo comer a metenda, para um canto, como um animal esfaimado.

São todas estas physionomias interessantíssimas de creanças que Geoffroy tratou admiravelmente no seu quadro que A. Ilustração tem hoje a subida honra e o grande prazer de oferecer nos seus numerosos leitores, graças à amabilidade do artista que autorizou a reprodução da sua obra no nosso jornal.

Geoffroy é um dos pintores de genro dos mais queridos e dos mais aplaudidos de Paris. É um artista de primeira ordem, que tem conquistado a celebridade pintando apenas creanças, como Lobridion, de quem demos no numero 7 da Ilustração o seu delicioso quadro A caixa do correio.

São os dois grandes amistas que melhor sabem tratar em Paris este assumpto tão delicado e tão sympathico. Sob o seu pincel as creanças revivem com uma vida extraordinária, e basta olhar para a magnifica gravura que hoje damos para comprehender toda a vida d'uma escola, todo este mundo irrequieto e barulhento dos dez annos...

A CHINA CONTEMPORÂNEA

CANTO quanto se possa remontar na história da China, vé-se que uma das preocupações dos imperadores foi sempre a descoberta de meios para attenuar a miseria d'este grande paiz.

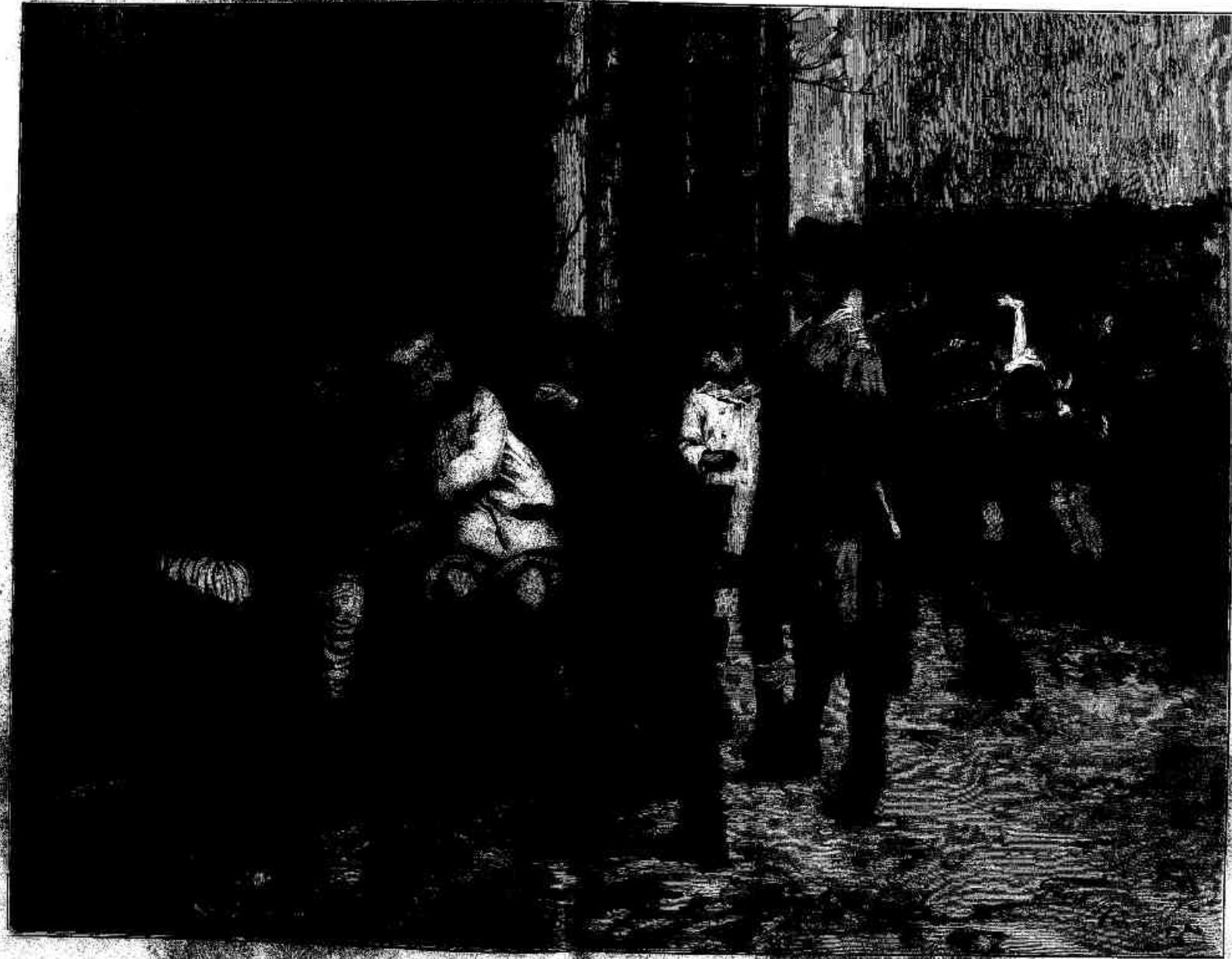
Os estabelecimentos de beneficencia devidos tanto ao governo como à iniciativa particular existiram em todos os tempos no Celeste Imperio.

Independentemente dos dormitorios publicos, das casas de soccorso para os desgraçados, das sociedades d'assistencias mutuas para os operarios, das casas de empréstimos para os pequenos comerciantes, dos hospitais e dos abrigos para os leprosos, dos asilos para os velhos, as grandes cidades chinesas possuem sempre e ainda possuem hospícios para creanças abandonadas. Uma das causas d'um grande numero de expostos que existe na China é sem dúvida a miseria de certas províncias onde as famílias que abandonam as creanças pela certezza em que estarão de que o futuro as não podem sustentar.

O hospício das creanças abandonadas de Canton de que hoje damos um curioso desenho de F. Regamey, é um dos mais importantes do imperio.

Nos patios ha árvores muitas vezes seculares, o que indica a antiguidade d'esta instituição. No fundo do patio principal fica a sala de reunião do conselho d'administração. Sobre as paredes vê-se um grande retrato de Fou-Lok-Chao, personagem legendário que teve cem filhos em mil.

Os quartos das amas formam ruas em volta



DAS SIE UM HOCHDINERO?... — Quadro di Cesare

do estabelecimento. As amas das todas mulheres fontes e saudadeis ganhando um tostão por dia, o que é um sommo consideravel para o povo chinês.

As creanças não tem nome; espero-se que sejam vendidas para então lhos darem. As creanças vendem-se aos dez mezes; o comprador dá uma peça de fazenda e dois mil reis a ama, e cincocentos a cem mil reis ao estabelecimento, segundo a beleza da creança.

Muita gente julga que na China se pratica o infanticidio em grande escala, é um erro. Quando as creanças morrem abandonam os corpos nos peixes e nos corvos pois que são instantes as despesas d'um entero, e é por isso que se vêem cadáveres de creanças pelos caminhos e pelos rios.

O governo e os ricos particulares fundam hospitais e outras instituições de caridade por todos os lados, em todas as províncias. Mas a China é grande, e grande também é a sua miseria, e por isso que apesar da beneficencia se fazer em grande escala nem por isso deixam de haver costumes e usos que a nós europeus nos repugnam enormemente.

Em numeros sucessivos continuaremos a publicar curiosas gravuras sobre este país legendário, hoje tanto em evidencia por causa das questões em que ande emprenhado com a França. A guerra ainda não foi definitivamente declarada, d'um ou d'outra lado, mas nem por isso tem deixado de falar com eloquência, mesmo com muita eloquência, as espingardas e os canhões,

N'UM ALBUM

*Não tenho fé, nem balsamo, nem creança!
Onde estávam gentes a indago e a escuto?
E é dor o que ella sentiu e o que ella pensa
Se o que ella pensa e sentiu é sombra e luto!*

*Como pode esta musa austera e fria
Trazer versos à luz do sol escritos,
Se ella tem uma noite em cada dia
E blasphemias e coleras e gritos!*

*Como o grito traçar de uma ave errante,
E a sua voz imitar candida e bela,
Se tento o informe em roda e a travo adeante
Com horrendas figuras dentro della!*

*Outra musa que cante o vale e as flores
E o alvorecer primeiro da inocencia;
Que eu só traduo as impressões e as cores
De uma tão rude e perfida existencia!*

*Quem de outros versos vir a alegre banda,
Vendo do meu o aspecto horrendo e torvo,
Perguntará, talvez, que faz grasmado,
No meio destas bombas, este corvo!...*

LUIZ MUNIZ.

Rio de Janeiro, 1884.

ALEXANDRE DUMAS FILHO

TODOS quantos têm entrado n'uma plateia conhecem o dramaturgo ilustre de quem A Ilustração da hoje o retrato. Escusado é portanto fazer uma resenha bibliographica das suas obras. Representam-se por toda a parte, e a mesma geração que aplaudiu phreneticamente a *Dama das Camelias* é ainda a mesma que hoje aplaude com felicidade com en-

timissimo a *Estrangeira* e a *Pintora de Bagdad*.

Quantas datas o melhor e piores de lado. As biographias são ainda uma das sete massadas que certos platinetos inventaram para fazer dormir a humanidade. O melhor é ver o homem de perro, na sua própria casa, que é isso que interessa o público. Quando uma celebridade passa na rua o que todos reparam é para o feito do seu nariz e para o seu fato, e quando se passe defronte da janelha dessa celebridade o que todos ambiacionam, é ver a disposição do interior, do homem como dizem os ingleses, do che, sei como dizem os franceses.

Na physiognomia de Alexandre Dumas não melhor posse dar uma ideia do dramaturgo, tal qual ele é actualmente, como este soberbo retrato gravado por Eh. Baude — grande artista do baril de quem a *Ilustração* tem tido a felicidade de apresentar numerosos trabalhos.

O dramaturgo habita no n.º 19 da avenida Villiers. Ainda há poucos annos era este canto de Paris seu habitat, pela população das barbearias — uma população de operarios. Mas um dia alguns artistas de dinheiro (entre elles Meissonier), notaram que a avenida era bonita, bonita devia, e que se possia fazer ali um *quartier* elegantissimo. E correram todos para lá. Deitaram-se por terra as velhas edificações e começaram a aparecer estes elegantissimos palacetes como só Paris possue e só Paris sabe construir. E aíz dos artistas vieram os escriptores de fortuna, e depois, fatalmente, para se mostrarem chics e distintos e criaturas no modo — vieram os millionários.

Quando se entra no rez-do-chão do palacete de Alexandre Dumas, o visitante fica surprehendido com a espantosa profusão d'obras d'arte que transformam o sanctuário de Dumas n'uma especie de museu. E para que este museu se possa alargar todos os annos, Dumas comprou em 1878 certo pavilhão flamengo que figurou na Exposição universal de Paris, e que elle mandou colocar no seu vasto jardim. Neste museu encontram-se trabalhos dos nomes mais eminentes da arte francesa, como por exemplo, de Meissonier, um dos amigos íntimos de Alexandre Dumas.

A auetor do *Demi-Monde* posse no primeiro andar: dois gabinetes de trabalho. Um, é aquele onde recebe as visitas e os seus amigos, luxuosamente mobilitado, as paredes cobertas de mais quadros que valem centenas de milhares de francos, tendo ao centro da casa uma grande mesa Luis XVI e um soberbo fauteuil do seculo XVIII. Mas o outro, o verdadeiro gabinete de trabalho, aquelle onde raciocinam tém entrada, e entre esses rarissimos conta-se Jules Claretie, um dos íntimos do grande dramaturgo — esse estú atulhado de papéis por todos os lados, ficando apenas livre uma grande mesa de trabalho. Ali não entram os criados. É Alexandre Dumas quem arruma todas as semanas o seu gabinete, quem sacode a poeira dos livros e dos papéis — quem ate, acende a chaminé nos dias de inverno. E pelo chão, proximo da sua cadeira, e debaixo da sua mesa, andam os dicionarios de Littré de Trevoz, de Lafaye, de Boniot, de Vapereau, de Robin e até mesmo um dicionario de termos tecnicos de Souvriou, que tem quinze mil palavras que Thophile Gautier sabia de cor — e que hoje ninguém sabe!..

Entre duas janelhas que dão sobre o jardim está um grande estante cheio de classicos e de livros de science, especialmente de physiologia, onde um curioso encontra com facilidade as theorias physico-chimicas que o dramaturgo gosta de introduzir nas suas peças, no romance, e nas grandes questões de moral que elle ultimamente tem tratado em cartas que tem sido celebres.

Na sua mesa de trabalho Dumas esplilha com profusão cadernos de papel branco e azul que elle diz que é para lhe dar vontade de trabalhar, porque muito contiene de mais apetitoso para um escriptor que um homem para. « E como o pires cheio de leito para os gatos, é irrealável! »

Para bem escrever, Dumas precisa d'um magnifico pupel, e de ter os pés sempre quentes, tendo para esse fim, debaixo da mesa, uma soberba pele d'urso preto, que causaria inveja a um millionário. E tudo quanto elle precisa. E é pouco causa e nenhuma extravagância, se o compararmos a Buffon que não podia escrever sem punhos de rendas. Eugene Sue precisava escrever com luvas verdes: Ponsom du Terrail tinha marionettes diante de si: Victor Hugo tem sempre ao seu lado um copo d'água fresca: Barbey d'Aurevilly, uma tigela de tintas, azuis, vermelhas, etc.: e Maxime du Camp, quando escrevia tem na cabaça um banete turco. E Haydier: Quando comprava sempre no délio um anel de brilhantes que lhe tinha dado o grande Frederico: e Wagner não podia trabalhar sem vestir uma roupa de chambre que tinha todas as cores do espectro.

Alexandre Dumas é ainda um dos mais brillantes dramaturgos do nosso tempo, e raras são os que, como elle, sabem dispor a ação d'uma peça, desenhar um personagem, e trabalhar um dialogo, onde parece que penetra todo o perfume delicado e misterioso do espirito frances.

De tempos a tempos Alexandre Dumas é crucificado em certos jornais de Paris. Simplesmente, a causa de muitas guerras de que elle tem sido alvo, é puramente a inveja — a inveja que rote muito dia de pedantes que não podem admitir que o dramaturgo possa dispor todos annos de 150 contos de reis na compra de quadros. E chamam a Dumas avarentos mesquinhos, como se todo o homem de dinheiro, é dinheiro ganho com o seu talento e o seu trabalho fosse obrigado a dar satisfações aos impertinentes, do modo como usavam de banho que encham a sua carteira.

Alexandre Dumas possue uma grande qualidade — é ser um artista sincero, um artista que se escreve aquillo que o seu espirito livremente pensa, sem attender ao sucesso monetario. O que não quer dizer que no momento em que entregue uma peça nova a um director não deive de ganhar com essa peça tudo quanto for humanamente possível. Sem querer accusar de mercantilismo escriptores por quem tenho o maior respeito, nem por isso devo deixar de notar que em certos romances de Zola e em certos romances de Daudet se não vé somente o artista mas algumas vezes tambem o industrial procurando assumptos e personagens de momento para obter uma venda mais de curiosidade que de interesse litterario. E Dumas apesar de tudo o que se conta e o que se diz, ainda não esteve preparando tanto uma peça para a occasião, para o momento, como por exemplo Sardou com

ASILIO INFANTIL



O CHOLERA EM NAPOLES

CONTINUAMOS a procurar a maior actualidade para A ILUSTRACAO oferecendo hoje aos nossos leitores esta pagina curiosissima devida ao lápis d'um artista eminentíssimo, e que tão dramaticamente desenhava trez aspectos dos tumultos de Nápoles, quando o cholera estava na sua grande intensidade, contendo-se os óbitos nos centos.

Quando em 24 horas a epidemia tocou as proporções assustadoras de que todos ouviram falar, as mulheres dos operários foram buscar os filinhos aos hospícios e às escolas para os levarem para os campos.

Nesses dias terríveis o povo abriu as igrejas, trouxe para a rua todos os santos da sua maior devoção e fizeram-se procissões e preces. Só se ouviam ladinhas, gritos e choros. As mulheres, de cabellos soltos, e os homens, a cada passo cahiam de joelhos e beijavam as pedras das calçadas, implorando a bondade divina. Foram dias de grande lucto e de grande desespero.

E enquanto os pobres passeavam os santos e as cruzes por todas as ruas imundas de Nápoles onde a epidemia causou tanta vítima, os que tinham alguma dinheiro corriam para a estação dos caminhos de ferro, e tomavam-se os comboyos d'assalto, trepando-se mesmo para cima dos wagons, correndo, fugindo espavoridos da cidade, como se a própria Morte fosse de carne e osso e os perseguisse n'uma carreira desesperada e vertiginosa.

São todas estas scenas profundamente dramáticas que o nosso desenhador tratou com mão de mestre, produzindo uma pagina que é uma verdadeira obra-prima de sentimento e de dor.

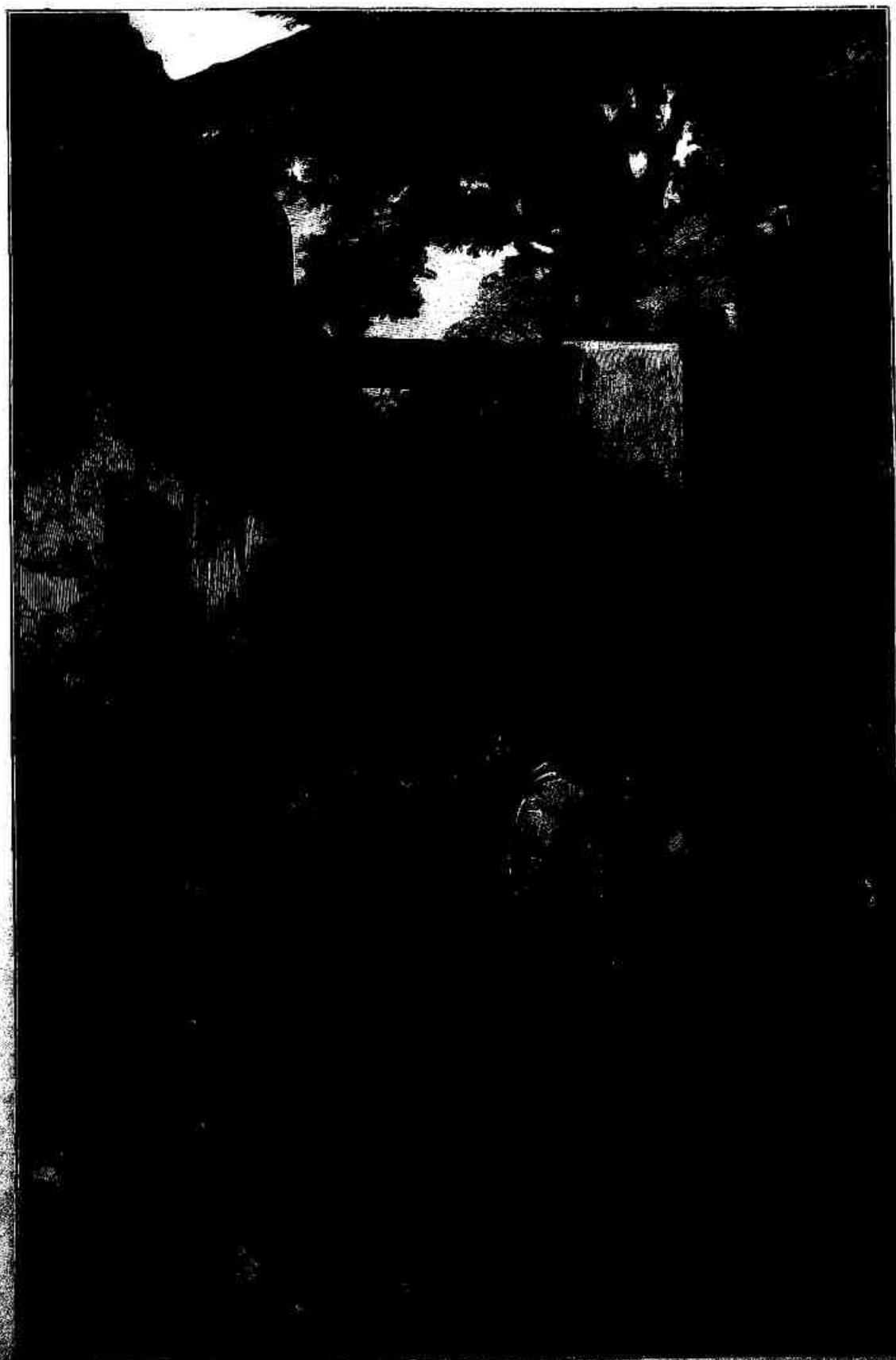


CAFFÈ



ADRETTIER

ITALIA. — O cholera em Nápoles



A CHINA CONTEMPORÂNEA — Uma casa d'expostos em Chongming, ilha que pertence ao distrito de Shanghai.

Na foto: a casa d'expostos, que é um grande edifício com muitas janelas.

Na foto: a casa d'expostos, que é um grande edifício com muitas janelas.

Na foto: a casa d'expostos, que é um grande edifício com muitas janelas.

a Federação, onde se via que o elemento russo e o nihilismo entrecruzavam para barulho de *réclame*.

A *Porta Salvador* — é o nome de um ato cítrico em scenário drama que se matou com grande sucesso de colosempe, como *Carmen*, *Verdeiro*, *Bruxa*, *Amor*, *Revolução* — no Teatro de São João, para portugues pelo seu autor, o poeta vedado, um distinto dileto da literatura, o escritor correcto que em *Portuguese Drama* importante tradução trouxe para o teatro de Camões.

Na ópera, no Teatro da Comédia Franse, *Le Roi et la Reine*, nova peça de *Verdeiro*, o autor do *Bruxo*, o brilhante actor dramático que criou no *Capelo* retrato célebre, — que se suspeitava que haja cintre por cima.

A. G.

FLORES DE PANNO

A FILINTO DE ALMEIDA

Sem vez, ao passarmos pela Rue do Ouvidor, como passámos ao acaso deante de uma vitrine de florista, dissesse, apontando variis bouquets, grinaldas e flores soltas — artificiais:

— Isto é mais que indecencia e crime. E ha mulheres que se adornam com flores destas, havendo ainda das outras!... Brm! E acabaste o pensamento com um gesto deenojo.

Um dia desses lembrei-me desse episodio e fix este conto.

É uma fantasia, uma simples fabula, da qual, como de todas as fabulas é de estilo tirar moralidade.

E a moralidade desta resume-se em quatro palavras:

— Só ha uma florista, minhas senhoras, de cuja lojinha devais fornecer. Chama-se: «Naturaeza».

Sai tuas estas *Florzinhas de Natura*.

Não as confundas porém com as outras; pois que, se com elas se parecem — por inodoras e inexpressivas — salva-as, comudo um merecimento; — enlaga-as o teu nome.

—

Marieta abriu finalmente os seus lindos olhos fatigados e, sentando-se na cama com o sobre-salto de quem acorda em meio a um profundo sono reparador, voltou-se em derredor, espetacularmente, procurando reconhecer onde estava.

Não nacera-nas no baile da viscondessa.

O sonho acabara-se aquelle delicioso sonho que principiara ás 9 horas da noite anterior com a entrada nos sumptuosos bilhos da elegante fidalgia de Botafogo e que se tinha prolongado rosquinho, accrescendo e multiplicandose, de mil encantos infindáveis, encantadoramente absurdos.

A invocação acalmou os mimos, mal acordados ainda, rompeu-se, perguntamndo se era realidade ou atraíra um sonho ou se aquela visão era realidade.

Ma, de repente, viu-se Marieta, sacudindo violentemente os lindos fios de magnetos que por tanto tempo havia ruído em teatro, e as formosas aperturas despedaçadas assim por algumas horas, — e, ao lado delas, por elles — os lindos olhos que lhe tinham dito a verdade, os lindos olhos que tinham de descrever amigos, — Marieta estava no seu camaro e no seu leito de dentilho. Sim, lá estavam a sorri-lhe da pa-

rede, do fundo do seu azul estrellado e calmo debruçados sobre um rolo de nuvens, como sobre um balcão de janelas, os seus queridos amiguinhos, — adoráveis serafins de Rafael furtados à Corte da Virgem de S. Sisto, pelo pinzel sagrado de um copião anônimo.

Um ralo indicativo flechado pelo sol por uma noite de janelas batia e espalhava-se no quarto iluminando-lhe alegramente o céu e accentuando-a angue nas papudas e risonhas faces dos pedaços.

E assistiu-nos por aquelle beijo de luz matutina, encantado por as duas cabecinhas; espiritualizava-se o escuro azul dos seus grandes olhos travessos; ondulavam annis das suas cabecinhas palpitaram no ar, como a um sopro de claridade; transparentes e livres as esas leves, redondas, rosas, empennujadas, abertas como para ensaiar timidamente um voo; as conchas de nacar das pequeninas bocas entreabriam-se em um sorriso malicioso; e os dois anginhos, enlaçados os gordos braços em fraternal intimidade, as miosinhas abertas, espontânea da tela, pareciam estar dizendo a Marieta, fiando com um doce olhar de amorosa repreensão:

— Bom dia, preguicosa! Bom dia!... Então agora é que desperta? E nos aqui a esperar, a esperar...

Marieta sorriu-a-lhes e passando pelo quarto a vista, ainda mal segura, deu com os roupas e os adornos com que fôrta ao baile, atirados confusamente sobre uma poltrona e pelo chão estirado, junto à toilette elegantissima, cujo alto espelho de puro cristal luzia vagamente, reflectindo o papel da parede fronteira — como um fundo de céu dilatado — covado e sereno, pálidamente azul, em que desmaiam as derradeiras estrelas...

O primoroso vestido de setim rosa e velhas rendas d'Inglaterra jazia amarfanhado, escorrendo as fitas moventes desatadas para o chão, como estreitos regatos adormecidos; sobre a confusão das rotinas, no assento da poltrona o leque de madrepérola e pellucida branca, entre-aberto ainda, como a aza de uma pomba morta; o lençolinho de rendas, repassado de um fino aroma de stephanotis; as compridas luvas enrugadas, trietas, tocessando os dedos vários, como se os desesperasse a ausência d'aquelles braços e d'aquellas mãos divinas, que alli estão despidos, um tentadora nudez abandonada, soerguendo, emmalandando um cabecinho adorável e certamente adorada.

Aos pés da cama, no soulho, um nuovo de saias, na mesma posição em que Marieta as deixara cair, havia algumas horas, quando soltara semi nuas para o leito.

Sobre o tapete una-liga, um laço espedeado, um sapatinho de pelica branca, e mais para a cabeceira, junto ao velador de xarão, em que acabava de expirar a flaminha de pequena lamparina de porcelana, um testão de flores de pano: — rosas brancas e amarelas entrelaçadas a um vaso de madressilvas.

Havia por todo o casto aposento a deliciosa pesonaria deixada por um desprê de mulher bonita e moça.

Naquele confuso de objectos, arrastados caídos, amarrados, adivinhavam-se, melhor: lia-se claramente a história de Marieta.

Falava da virgindade do seu belo seio de marmore vivo e de todas as emoções vibradas nello — o esparrhal aberto e desatado, soltos os atacadores de seda, erguidas as levitas prostradas, em que moram durante o dia as duas encantadoras tesouras que homem algum jamais viu e que apenas um possuiria; ento seu abandono parecia abrir-se todo com angiosa saudade por estremar novamente — e guardou com avarento recuo — o niveo colo de Marieta.

Os sapatinhos paixem palpitam ainda entretidos, estreitados no ritornelholho ultimo valsa, do leque mal fechado, como que se evolava em um perfume e frenito de um sorriso, de uma palavra de amor. No marmoreo e veludo carnet do baile, atirado com o longo e as luvas, ha terríveis e misteriosas revelações...

Lê-se ali, na letrinha redonda e tremula da mão de um enamorado, um nome de homem, um bello nome sonoro e masculo: Raul...

E esse nome repete-se duas, tres vezes; está inscripto para a primeira valsa, para a primeira polka, para os lanceros, para o galope final...

Mas... que é isto? Alguem pronunciou esse nome, elle acaba de soar no ambiente, como um suspiro que estremece o foge.

Foi Marieta quem o pronunciou, sem querer talvez...

E no passar-lhe pelos labios aquele nome, como um beijo, todo o seu corpo estremeceu em um delicioso fremito...

Mas a porta do aposento abriu-se sem rumor, mansamente, e uma velha mestiga entrou com a bandeja do chocolate.

Chegada ao leito, depõe sobre o velador e ajoelhando-se sobre o tapete, pegou de uma das mãos de Marieta nas suas asperas e cansadas mãos de escrava e cobriu-a de beijos, em silencio.

Bom dia, mamãe; disse a moça afagando a cabeça da velha mulata que havia amamentado, que era sua mãe «de criação». Depois examinou com olhar sofrido a bandeja, onde fumava levemente, aromosa e tepida, a chavena de chocolate ao lado dos biscuits de Reims e do copo de agua, e murmurou com faceira tristeza:

— Só isto, mamãe? E ficou a olhar para ella com olhos que armavam a piedade.

— Só isto, respondeu a outra; mas o seu ar não lhe podia mentir a pobre Thereza! — dizia claramente: — Ainda ha mais alguma causa.

— Dá-me, dá-me! pediu-lhe Marieta, soerguendo o busto mal guardado pelo cabeçao rendado da camisa, e a sua suposta, subindo daquella nudez de imaculada, era uma ordem de irresistivel imperio.

E a pobre Thereza não resistiu.

Tirou de sob o chale uma pequena carta fechada, mas antes de entregar-a a sua querida nhamha, impôz-lhe uma condição:

Ha-de tomar primeiro o chocolate.

— Depois... respondeu Marieta, buscando tacar-lhe a carta.

— Não, não; ha-de ser antes.

Não houve remedio se não fezer-lhe a vontade.

A moça engoliu a longos tragos, sofregamente o seu chocolate, mas não sem nolle sopetear dous ou tres biscuits, impostos pela mamãe, e logo que se viu desobrigada daquella condição, arrebatou-lhe a carta.

Eis o que lhe disia Raul:

II

Furioso! Estou furioso, minha querida Mamãe! São 5 horas e meia da manhã.

Ha trez que volta da casa da viscondessa, deixando o baile por acabar e falecido o nosso compromisso para o galope final.

Pretextei um incommodo para sair. Lembras-te?

— Mas não te membro de todo.

Desde que te vi hontem, comecei a sentir-me mal e para que tu não dissesse illi mesmo com grande escandalio o que agora vais ler — retirei-me.

Chegado a casa, despi-me febrilmente, fumei mais um cigarro e desfeli-me.

Em vão tentai dormir.

Chamei como de costume a tua imagem aos meus olhos cerrados, para abronecer a sua divina caricia.

Mas a tua adorada imagem apareceu-me assim, como a vira no baile, como me acompanhou no carro — como a estou vendo agora desenhada vagamente sobre este papel, com que procuro illudir o meu sofrimento — auto-psiquiando-o.

Chamei-te, Marieta adorada, em seu proprio auxilio; pedi a Marieta de sempre que me fizesse esquecer de Marieta do baile da viscondessa, mas tudo em vão.

Noi esta quem veio; continuamente, perturb

mente, como se a querela de minha alma houvesse sido sempre aquela que tanto me fez sofrer."

A moça interrompeu a leitura que ia fazendo em um círculo de oração, com o busto mergulhado nas fofas travessuras, e, como se tivesse um grande medo de continuá-la, deixou que os olhos passassem as tochas pelo aposento poucando um pouco; — casal de borboletas negras — no tapete, na talher, nas joias, nas roupas, nos anjos de Rafael e nas horas de pauzinhos que ali estavam no chão, junto ao velador. Admiraram por um momento a sua beleza falsa e — retro a imagem das borboletas! inebriaram-se nas cores, nos caprichosos reflejos — daquelas rosas de modista. Depois atirinhos pelo carta, voltaram a ela, assistindo do que podiam ler.

Que teria sido feito de mau, que assim zangava o seu Raul, de ordinário tão docil, tão meigo, tão complacente?...

Que crime seria o seu?

« Vendo enfim que procurar o sommo era torturá-me com inúteis suspeitos, salvi da cama, tomei o meu costumeiro banho de chuva, fiz a toalheira com que devia ir para o escriptorio — eram ainda quatro horas e quarenta e trez minutos! — e depois de pronto, como tirasse de frio, mediati meio minuto no que devia fazer: — Tomar um infusão de cabeças de phosphatas ou um calice de cognac fine champagne?

Optei pelo cognac... Oh, eu sempre decidido pelo peior!...

Depois, como ainda era cedo para ir meter-me por cinco horas no pôrto da advocacia... sem clientes, e, como só te poderia ver hoje à tarde, resolvi mandar-te em folha e meio de papel vellino todos os negros padecimentos de uma aluna que morre por ti e à qual retribuiras a dedicação com punhaladas cruelis.

Oh! não te defendas! Não te defendas!

Hoje antes que a doce Deseconom aconselhava no supremo instante ao seu famigerado esposo: — Pense nos teus pecados!

Mas não julgues que te quero asphyxiar com esta carta como fiz o brutamontes shakespeareano nem tampouco estrangular-te, mimosa criatura! — com o rijo te desse discurso epistolar.

Tranquilia-te.

Perdona, bem vés.

Já podes por conseguinte ouvir a tremenda acusação do teu crime.

Ah, minha pobr' Marieta, minha pobr' Marieta! Não sei se me sobraria forças para te dizer tudo... Tu hontem...

Nem sei, nem sei como principiar...

O melhor é desfazerte a acusação de um golpe, à quem a roupa... Um, dois, três:

Tu hontem, no baile da viscondessa... trazias flores... de paño! De paño! Minha Marieta: — de paño! Tu, a mais formosa das criaturas, tu, para quem Deus encomendou à Natureza as rosas, as violetas, e as camelias, e os gerânios, e os jasmims, e os cravos, tu te enfeites com flores de trapo!

Oh mas isto é um peccado mortal! As flores, Marieta — essas filhas do sol — como diz o poeta d'la *Caricias*, são como as mulheres: querem-se de carne, com sangue e nervos, palpitanas e vivas, jamais de paño!

Jámai!...

Meu Deus! que pensamento de ti agora as rosas?

Que dirás de ti a magnólia, o heliotropo, a pervinca, o amor perfeito?

Que ideia faz da mais pura das mulheres a mais canina das flores: — a camelie?

Que vergonha!

Neste ponto a noiva de Raul, ruborizada de pejo, mergulhou sob uma das rendas dos lençólos, repetindo, com a voz tremente de pranto: — Que vergonha! Que vergonha!

E amarrava febrilmente entre as mãos justas o seu terrível libello acusatório, sufocava-a um soluçar violento, angustioso, como se lhe

passasse na consciência o remorso implacável de nefandos crimes.

K entrou lembrando que durante o baile, Raul estivera triste, não lhe disseu nem uma daquelas galantíssimas amabilidades com que costumava entreter a durante horas, no canto de uma janelinha, ou em um passeio pelo salão, num brando e doce palestrar quasi misterioso, entrecrochado de sorrisos, iluminado de olhares amorosos...

Lembrou-lhe ainda mais que depois do primeiro encontro no baile, elle a deixara, voltando pouco depois com um lindo botão de Domotor Knautz na botoscina e lhe disseu:

— Não é bonita esta rosa?

Fui pedir-lhe a uma amiga, pois que das flores que hoje trases contigo não me podes dar nem uma...

E Marieta bem viu que elle tinha razão: — as suas flores eram artificiais...

E não competiam o desgosto do seu amado: e nem sequer desconsolá-lo seu crime?

Regrui de novo o busto em um assento de energia resolução e, enxugando os olhos fervidamente, continuou na leitura:

« Comei has-de voltar de novo ao teu jardim, Marieta?

Ah, minha pobr' adorada, é necessaria, é urgente uma reparação! Desagregue as flores, minha flor!

Se queres compreender a gravidade da tua ofensa e a justiça dos seus querimentos — pratica a comparar por um instante essas flores que hontam tristes — com as naturezas, que elles imitam.

Olha, examina essas rosas: — São de paño pintado, não tem perfume, não tem sangue, não tem vida, nem graxa, nem frescura, nem alma. Esse orvalho que as rosas não lhes veiu do céu; fel-o um indiferente e estúpida florista com « piagões d'água. »

O caule é de arame; o polifen não fecundu, e um polvilho amarelo; esse rubor das petalas é feito de vermelhão.

Parecem-te vivas talvez. Pois mergulha-as na agua e verás o que lhas acontece: — Não morrerão, porque nunca viveram: são falsas; mas hão-de descompor-se ignobilmente: — o trapo encantado escorrerá todo esse carmim postico, as folhas descoladas mancharão a agua de um veneno verde, a goma dissolvendo-se, fará despegar e caér todas as petalas e toda essa florido tafuloria de lu pouco tornar-se-lhe simplesmente — uma porcaria.

Colic agora uma rosa natural e examina-a...

Que frescura, que mimo, que delicadeza!

As petalas lembram as tuas faces — macias, finas, deliciosamente rosadas, um rubor sanguíneo palpitando sob delicadíssima pelúcia...

E que perfume!... Embalsame-se o ar e os pulmões dilatam-se, em uma expansão de felicidade, ao receberem o hausto impregnado do fresco alegre e puríssimo aroma da rosa...

Mergulhou-a num aguado e embeijaria mais fresca, mais suave, mais viciosa, mais bela! Ainda mesmo depois de morta, será formosa.

O cadáver de uma rosa é um despojão sagrado; guarda-se com religioso cuidado no fundo de um cofre de joias, onde elle vai dormir o seu sonmo perfumoso e pallido, ao scintillar irizado das pedras preciosas; sepulta-se ao canto de uma gaveta, amortinhado na cambrâia alvíssima das roupas, ou entre as folhas de um livro amado, ou dentro de uma carteira, em companhia de velhas cartas, mil vezes lidas...

E assim são todas as flores, Marieta: — Fuzem a alegria dos jardins dos milionários e a felicidade obscura e talvez por isso melhor, das humildes águas furtadas, das miseráveis traqueiras...

Oh não chames infeliz à pobr' rapariga maltrapilha que encontras à esquina da rua, com a fome nos olhos e a morte sobre as faces... Talvez ella tenha ao canto da sua estreita janelinha de sótão um pé de malvas ou um gelho de roseira, plantado em um fundo de garrapata...

Não pode haver tristeza onde há flores,

Dir-ma-las que também há flores triste, a vanidade, a perpétua, a sempre viva, o guiné e o desgraçado rato chamado de detunto. Mas seriam feias pelo fato de serem tristes.

Há saudades bellíssimas que valem rosas; e demais bastu-lhes o nome: Saudade!...

Se a sempre-viva falha a expressão, a physiognomia característica, que em geral todas as flores tem, é porque exactamente é de todas as flores a menos natural: parece feita de palha!

Chamam-las a sempre-viva; sempre morta é o que elas é.

Até parece artificial — a desgraçada!

E as flores de laranjeira com que se adornam as noivas!...

Já reparaste como são feias, como são ridiculas e tristes?...

Oh, não te cuzes com semelhantes flores, Marieta ou, se as preferes as verdadeiras e legítimas flores de laranjeira... — então — perdão-me! — não te castes comigo!

Algôndo, cera, penica, papel de seda e arame; — é com isso que se symboliza entre nós a imaculada candura das noivas!...

E o passo que as engrinaldam com semelhantes heróreas, as verdadeiras flores de laranjeira, as authenticas, esfolham-se e tombam tristemente das galinhas verdes, em munda chuva, silenciosas que embalsama os ares deliciosamente e tornam o sol de alvíssimo e perfumado tapete,

Ninguém as quer!

E entretanto encravam-se as mãos habilidosas que as fingem com arame, penica, algodão, papel de seda, cera... e não sei mais que attentados de lesa-natureza!

Quando vejo violutos de paño, chego a ter impulso de matar quem as vende ou a pessoa que as traz.

E que me lembro das palavras de Luísa aos que iam enterrar sua irmã, a pálida e mal-venturada Ophelia: « Depondeu sobre a terra e que da sua bela carne immaculada possam nascer violetas!... »

Se eu dissesse todo o mal que pensas das flores artificiais não terminaria nunca esta carta e é fôrçoso terminal-a.

Dizes apenas mais duas palavras e concluirei.

A flor artificial é estúpida como uma mulher apudada e posta, e é triste como uma mulher estúpida.

Não vive e por tanto não morre.

Vivem as flores que morrem!

Adeus, Marieta.

Se não te conveniente todo a minha eloquencia indignada é porque ussei de flores de retórica e as flores de retórica não são naturaes.

Mas levanta-te — pois naturalmente esta carta ha-de ir encontrar-te deitada ainda — abre a jaquelle que da para o teu jardim... Contempla-o!

E jamais, asseguro-te, adornarás teus cabellos de dryade e o teu colo, níveo e mimoso como as rosas e as açucenas, com neucenes e rosas... de trapo!

E ac logo, **Raul.** □ **Raul.**

Quando acabou de ler a carta Marieta estendeu-se com o braço até o tapete, apanhou as malsinadas flores com que fora ao baile da viscondessa e espatifou-as, esfrangalhou-as nos dentes e nas mãos crispadas de raiva, ofegante, abafada e febril, com a alegria cruel de quem se vinga de um velho e excretado inimigo exterminando-o final!

Depois pisou-as nos pés, invadindo-las com o fôrco territorial de uma lebreira.

Um suspiro de alívio milionário exalou-se no ar.

Raul estava vingado.

Mas de romântico, como a ideia salvadora finalmente lhe havia vindo, a janela que dava para o jardim, com a alegria, com a esperança, com a certeza de que a madeira e estufo das flores de trapo era drácas...

O sol entrou de um lado, e a claridade e scintillante como um dia de primavera.

ouro, e deante dos olhos de bella Marieta surgiu o mais florido e perfumoso jardim do mundo.

Estando o quarto de Marieta situado no *reg-de-chasse*, as varandas davam sobre o jardim e eram bem baratas, que delas se podiam colher algumas flores das roseiras, e jasmimereiros mais próximos. A madre-silva "enramava-se" pelas grades, encravando-se, espiralando-se pelas bentes e pela parede, entrando para o aposento.

A multidão das rosas brancas, vermelhas, amarelas, cér de creme e cér de carne, as camelias opulentas, alívias, brancas como seios reais, as dálbias de todas as cores e de todos os tamanhos, fulgidas, cheias, redondas, balouçando genciosas sobre os caules flexíveis; as magnólias impetuosas, imaculadas, direitas, assedeadas pelas suas folhas agudas, de um verde negro como o olho de lâncias; os jasmimereiros doceiros, intermitentemente cobertos de brancos flores odorosíssimas, os especiaculos e leviantes gerasotes, inclinados submissamente para o Levante, em cortesia correcta de subditos respeitosos... toda essa multidão deliciosamente pitoresca de flores, variegadas, de mil diversas colorações e matizes, agglomeradas sob as janellas, de Marieta parecia um bello povo fantástico, em paiz de fadas, que esperasse sob as varandas do palácio da sua rainha que esta lhes aparecesse.

E de facto, quando ella surgiu no desalinho encantado do seu acordar, em uma visão entoada de combrilas e rendas alvíssimas e nu-dezas olympicas, fugidas, ergueu-se d'aquele povo de flores um murmurio de saudação — sussurros de folhas, monossílabos de petalas, suspirar de brisas e em uma leve nuvem de perfumes puríssimos subiram as abamas das flores aos pés da sua encantadora rainha...

Esta, entretanto atonia, deslumbrada, comovida, tremula, inclinava-se para fôra da varanda, genuflectindo a meio, e estendendo às flores as mãos juntas na attitude de suprema supplicie, os olhos chicos de pranto, murmurou docemente, com a voz febil e estremecida de um grande criminoso — arrependido e contrito :

— Perdão! Perdão!

VALENTIM MAGALHÃES.

Rio de Janeiro, Julho 1884.

Correspondência. — Negocios civis e commerciais; correspondência, cobranças, heranças.

Indicações comerciais.

Perseguições e defender diante de todos os tribunais franceses.

Administração de propriedades em França.

Escrever ao Director do Contencioso dos 4 arrondissements, — 12, boulevard de la Villette. — Paris.

PASSATEMPO

A ILUSTRACAO recebe com prazer todos os exercícios, enigmas, charadas, logographes, anagramas e enigmas ilustrados que os seus leitores lhe queirão enviar.

CORRESPONDENCIA

M. — Kunthia. — Agradecemos muito a sua carta que vossa publicação tenha realizado por mim d'elocutor como um dos meus livros a todos que nos chegam em massa. O nosso director fez penhorar a sua um extremo embaraço, mas serviu a primeiramente a censurar-nos d'uma escapula e (mais mal) em seu próprio favor.

Rio de Janeiro. — E. C. — Mande melhor o seu aviso. Este é um dia que não é dia.

M. — Sóvina. — Não publicamos a sua solução porque encontra uma nova hipótese. As outras duas vão no próximo número.

Do sr. BUSSE, perfumista, 1, rue J.-J.-Rousseau, Paris.

Sr. — Peço-me para que atestem os excellentes serviços que tenho obtido com a sua *Pasta Epilátria*, no que eu needo com o maior prazer. As senhoras a quem é tenho recomendado tem visto desaparecer, sem nenhum inconveniente, os pêlos que graças que distinguem nos labios ou na barba, é observar, depois d'algumas epilagias praticadas uma ou duas vezes por mês, que chegam a desaparecer completamente. — Dr. J., da Faculdade de medicina de Paris.

THEATROS DE PARIS

(Peças que actualmente se representam com maior sucesso).

Opéra. — Hamlet. — Sapho. — Robert. **Comédie.** — Polyeucte. — Menteur. — Député de Bombignac.

Opéra-Comique. — Manon. — Lakmé. — Carmen.

Odeon. — Mari. — Gid. **Château-d'Eau.** — Etienne-Marcel. **Porte-Saint-Martin.** — Denicheff. **Chatelet.** — Poule aux Œufs d'Or. **Gaîté.** — Le Grand Mogol.

Ambigu. — Un Drame au fond de la Mer. **Gymnase.** — Maître de Forges. **Vaudville.** — Les Invalides du Mariage. **Varietés.** — Un chapeau de paille d'Italie.

Palais-Royal. — Train de Plaisir. **Bouffes-Parisiens.** — Mascotte. **Folies-Dramatiques.** — Cloches de Cornville.

Nouveautés. — Nuit aux Souillers. **Renaissance.** — L'Amazone. **Eden-Theatre.** — Cour d'amour.

Déjouet. — Parisiens en province. **Beaumarchais.** — La Poste. — Boissauzier.

Cluny. — Trois femmes pour un mari. **Montmartre.** — Les Pavillons Nobres. Diana.

Bastignolles. — Diana. — Les Pavillons Noirs.

Ca chlorose e a anemia são felizmente combatidas com o emprego regular do Ferro Bravais. Este torna a dar ao sangue impondo a coloração perdida com a moléstia.



GRANDES ARMAÇENS DO Printemps NOVIDADES PARIZ

Acaba de ser publicado

o magnifico Catalogo geral ilustrado, contendo mais de 450 Gravuras dos novos Modelos para a estação de

Inverno de 1884-85

Remete-se gratis e franco a quem o pedir, em cartão franqueada, dirigida aos

**SR. JULES DALUZOT & C°
PARIS**

São igualmente enviadas FRANCO, as gravuras de todos os setentões que compõem o magnifico sortimento do Printemps.

Expedições para todos os Países do Mundo.
INTERPRETES E CORRESPONDENTES EM TODAS AS LINHAS.

Académie de Médecine de Paris

REZZA

Minerale Acidul Ferrugineuse. — Ceite-Lau est sans rivale dans le Traitement des Gastralgies. Chlorose. Anémie, et toutes les Maladies provenant de l'appauvrissement du sang.

NOVAS SORVETEIRAS TOSELLI

União apparelho de família fabricado pelo Dr. J. na EXPOSIÇÃO UNIVERSAL de 1867. Para fazer sorvetes e produzir e servir sempre gelado, refrescante. Esta machine é de uso simples, só é exigido de se ter calafórrias resultantes de uma economia, para segurança e uma grande economia de tempo. — 186, Rue Lafayette, 1^a, 6, Boulevard de la Madeleine, PARIS.

EXPOSITION UNIVERSELLE 1878

Medaille d'Or Croix de Chevalier
LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES.

AGUA DIVINA E. COUDRAY

BITA AGUA DE SAUDE
Promovida para o tonicar, como coquetinho, convenientemente a todos os mandados, o preservar da peste e do clima seco.

ARTIGOS RECOMENDADOS
PERFUMARIA DE LACTEINA
Incomparavelmente delicadas frascas.
GOTAS CONCENTRADAS para o frigo,
OLEOCOME para a higiene dos cabelos.

ESTES ARTIGOS AGACHAM NA FÁBRICA
PARIS 13, rue d'Egheien, 13 PARIS

Depois em minas Perfumaria, Pharmacia e Cabeliceira 65^a Alameda.

DIGESTORES ARTIFICIAIS
VINHO
DI-DIGESTOFR DI
CHASSAING
COM
PEPPINA E COM DIATASE
Agravo peritoneo e indigestão de
DIGESTÃO
20 gramos de suco
CONTRA
DIGESTORES OFICIAIS
OU INCOMPLETOS
NALES DO ESTOMAGO
DISPERSAS GASTRÍGICAS
PERIOD APPETITE, E DAS FORÇAS
NUTRITIVAS, COM PÓ
CONTRA
LESTAR
PÓMOS ETC.
PARIS, 1, AVENUE VICTOR, 1, PARIS
AGACHAM NA FÁBRICA PERIN

DEPOSITO

DA
CASA EDITORA DAVID CORAZZI

153, Rue dos Ourives, 183

Venda de todos os livros e folhetos de literatura, ciências, artes, etc.

Também de muitos dos trabalhos de literatura, etc., que se publicam.

Correspondência e correspondência.